



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

26 e 27 de novembro de 2016

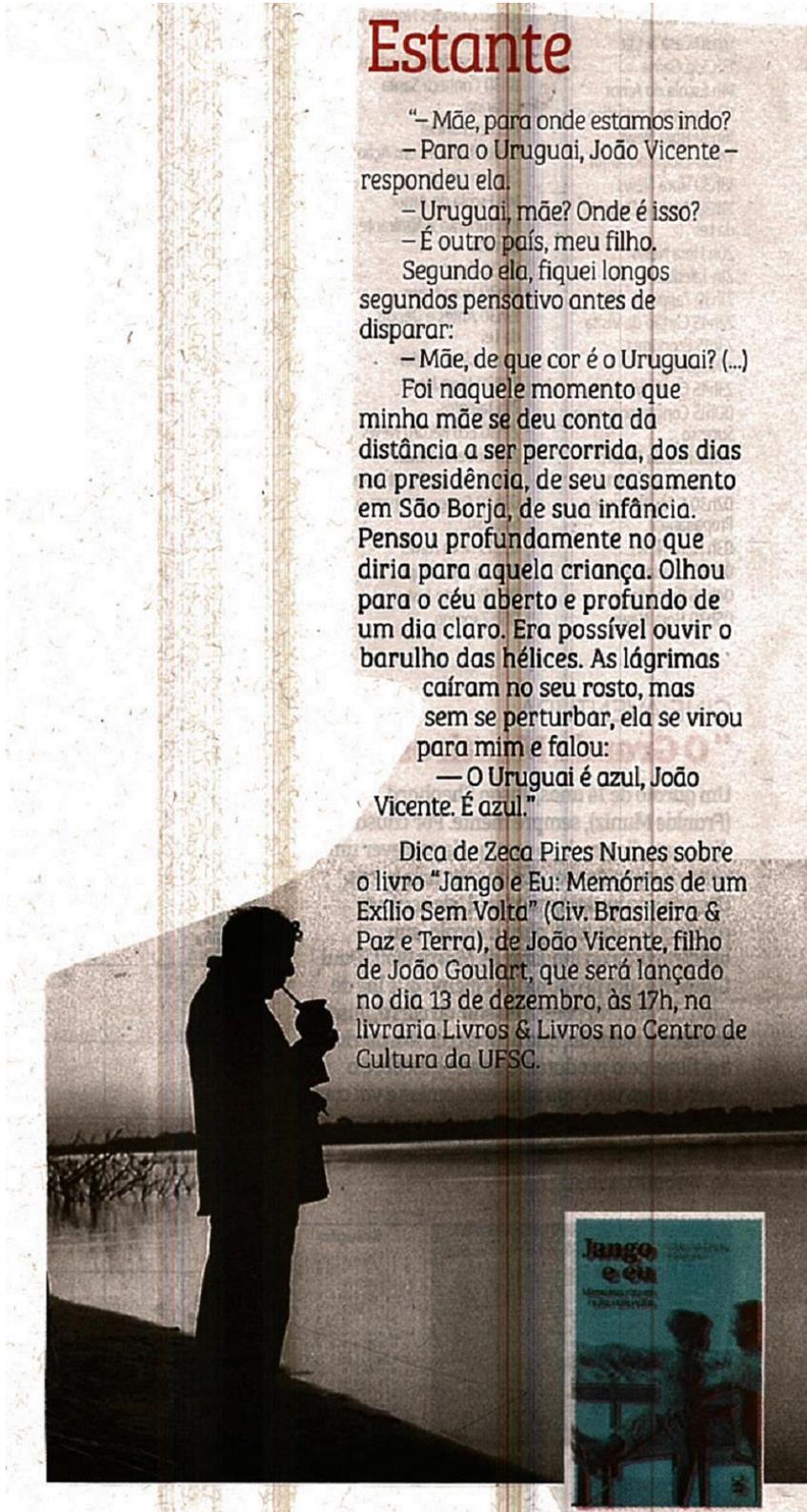
Notícias do Dia
Néri Pedroso
"Estante"

Estante / Zeca Pires Nunes / Livro / Jango e Eu: Memórias de um Exílio Sem Volta / João Vicente / João Goulart / Centro de Cultura e Eventos da UFSC

Estante

– Mãe, para onde estamos indo?
– Para o Uruguai, João Vicente –
respondeu ela.
– Uruguai, mãe? Onde é isso?
– É outro país, meu filho.
Segundo ela, fiquei longos
segundos pensativo antes de
disparar:
– Mãe, de que cor é o Uruguai? (...)
Foi naquele momento que
minha mãe se deu conta da
distância a ser percorrida, dos dias
na presidência, de seu casamento
em São Borja, de sua infância.
Pensou profundamente no que
diria para aquela criança. Olhou
para o céu aberto e profundo de
um dia claro. Era possível ouvir o
barulho das hélices. As lágrimas
caíram no seu rosto, mas
sem se perturbar, ela se virou
para mim e falou:
— O Uruguai é azul, João
Vicente. É azul."

Dica de Zeca Pires Nunes sobre
o livro "Jango e Eu: Memórias de um
Exílio Sem Volta" (Civ. Brasileira &
Paz e Terra), de João Vicente, filho
de João Goulart, que será lançado
no dia 13 de dezembro, às 17h, na
livraria Livros & Livros no Centro de
Cultura da UFSC.



Notícias do Dia Caminhos da natureza "Produtividade e qualidade"

Produtividade e qualidade / Santa Catarina / Mel / Produção apícola / Faasc / Federação da Associações de Apicultores e Meliponicultores de Santa Catarina / Fundação do Banco do Brasil / Sebrae / Nésio Fernandes de Medeiros / Pesquisa / Apicultura / Abelhas / Colmeias / Brasil / Epagri / Senar / Ranking

22. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 26 E 27 DE NOVEMBRO DE 2016

ENGIE

CAMINHOS
DA NATUREZA

Produtividade e qualidade

Estudo comprova que Santa Catarina é o maior produtor e exportador de mel

Santa Catarina é o maior produtor de mel por quilômetro quadrado do país e o maior exportador do produto, além de ser considerado um dos melhores do mundo. Essas conclusões fazem parte de um estudo completo sobre a produção de mel em todos os municípios do Estado com objetivo da melhoria tecnológica e adequação da produção apícola para certificação orgânica. O projeto, que levou dois anos para ser concluído, foi desenvolvido pela Faasc (Federação das Associações de Apicultores e Meliponicultores de Santa Catarina) com apoio da Fundação do Banco do Brasil e do Sebrae. Santa Catarina é o primeiro Estado brasileiro a concluir o estudo.

O presidente da Faasc, Nésio Fernandes de Medeiros, enfatiza que com essa pesquisa, Santa Catarina tem uma informação precisa do que representa a sua apicultura. "O estudo mostra quem somos, quanto produzimos e para onde pretendemos ir", diz. Conforme Nésio, antes deste levantamento existia uma estimativa que o Estado contava com 30 mil propriedades rurais com abelhas e agora há confirmação que não passam de 9.000 famílias dedicadas à apicultura.

O número de colmeias, que era estimado em 350 mil, é oficialmente de 293.482 instaladas, mantendo uma produção de 6.500 toneladas por ano em safras normais. "A qualidade não ficou para trás: metade do mel catarinense é exportada e 50% do total produzido tem certificação orgânica, mantendo Santa Catarina como um dos maiores produtores de mel do Brasil", afirma.

Nésio lembra que, enquanto o Brasil produz em média cinco quilos de mel por quilômetro quadrado, em Santa Catarina esse índice é de 63 quilos por quilômetro quadrado. Antes da pesquisa, a estimativa era de uma produção de 28 a 30 quilos por quilômetro quadrado. ●



Estado tem 6.146 apicultores, com 293 mil colmeias instaladas

Apenas seis municípios não têm apicultores

O levantamento da Faasc ouviu 6.146 apicultores catarinenses, dos quais 3.332 responderam o questionário completo, e 2.814, um questionário mais simplificado. O completo contava com 16 perguntas que avaliaram o nível tecnológico do apicultor. Pelo estudo, foi constatado que 85% dos apicultores catarinenses têm seis colmeias ou mais. Nésio Fernandes de Medeiros ressalta

que estes dados de produção foram tomados utilizando 2014 como ano de referência, por ter sido um ano normal e com clima favorável para a apicultura catarinense.

Foi confirmado por meio da pesquisa que os municípios de Bom Retiro, Içara, Urubici e Santa Terezinha são os quatro maiores produtores de mel e que somente seis cidades catarinenses não têm apicultores:

Balnéio Camboriú, Pinheiro Preto, Bombinhas, Capivari de Baixo, Navegantes e Faxinal dos Guedes. "Este levantamento servirá de base para que os órgãos de assistência técnica - Epagri, Senar, Sebrae, UFSC - possam programar o planejamento de trabalho com o produtor, além de refletir no modo como os municípios com maior representatividade apícola passarão a dar importância ao setor", explica.

“

Este levantamento servirá de base para que os órgãos de assistência técnica possam programar o planejamento de trabalho com o produtor”.

Nésio Fernandes de Medeiros, presidente da Faasc

Produção catarinense é de 6.500 toneladas por ano em safras normais



MAIORES PRODUTORES

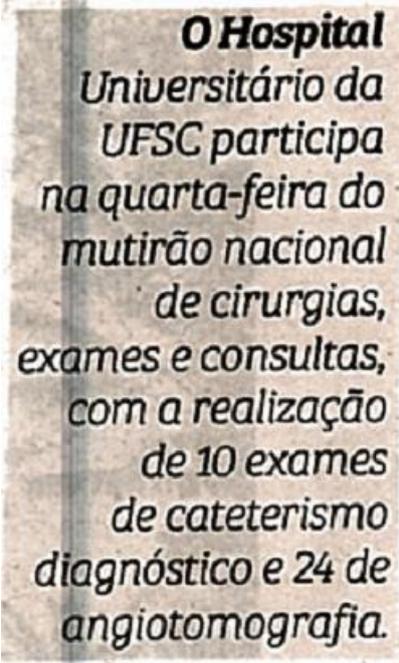
Ranking dos municípios catarinenses

Município	Apicultores	Colmeias	Produção (kg)
1º Bom Retiro	152	12.945	310.680
2º Içara	74	14.227	293.076
3º Urubici	30	10.465	214.532
4º Santa Terezinha	45	9.816	201.228
5º Fraiburgo	58	10.759	193.500
6º São Bonifácio	114	6.602	135.341
7º São Joaquim	62	6.490	133.045
8º Anitápolis	99	4.942	101.311
9º Angelina	188	4.783	98.051
10º S. Bento do Sul	52	4.505	92.352
11º Taló	12	4.494	92.127
12º Florianópolis	19	980	20.090
13º Brusque	16	928	19.024
14º Palhoça	16	800	16.400
15º São José	7	537	11.008

Fonte: Faasc

Notícias do Dia
Fabio Gadotti

Hospital Universitário / UFSC / Mutirão nacional de cirurgias, exames e consultas



O Hospital
Universitário da
UFSC participa
na quarta-feira do
mutirão nacional
de cirurgias,
exames e consultas,
com a realização
de 10 exames
de cateterismo
diagnóstico e 24 de
angiotomografia.

Notícias do Dia
Carlos Damião

“Oitenta anos de proteção do patrimônio”

Oitenta anos de proteção do patrimônio / Fortaleza / Iphan / Instituto Histórico e Artístico Nacional / Marcelo Calero / Preservação / UFSC / Alceu Amoroso de Andrade / Mário de Andrade / Sphan / Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Lei 378-1937 / Decreto-Lei 2848-1940 / Crime / Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim / Fortaleza de Santo Antônio de Ratoões / Tombamento / Ministério da Marinha / Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba / Forte de Santana do Estreito / Pintura / Vista da Baía Sul / Victor Meirelles / Museu Casa de Victor Meirelles / Casa de Victor Meirelles / Casa do Ribeirão / Casa da Alfândega / Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr / Alfândega / Ponte Hercílio Luz / Sítio arqueológico e paisagístico da Ilha do Campeche / Coordenadoria de Fortalezas da Ilha de Santa Catarina / Roberto Tonerá / Museu Etnológico Casa dos Açores / Fortaleza de São José da Ponta Grossa / Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural / Fundação Catarinense de Cultura / Raimundo Colombo / Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Cultura



Carlos Damião

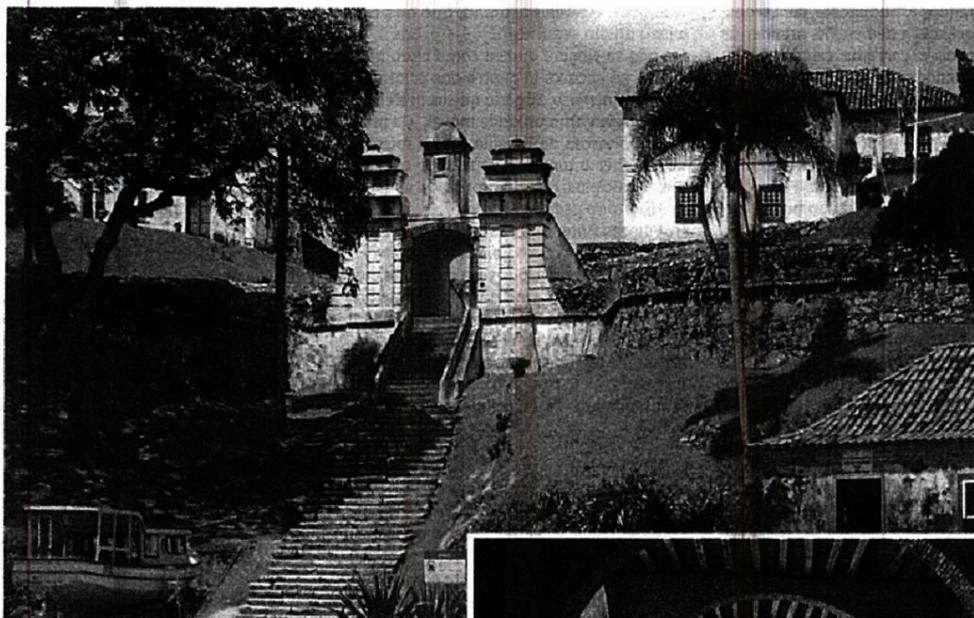
carlosdamião@gmail.com
twitter:@damião_ND

18/19

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 26 E 27 DE NOVEMBRO DE 2016

Oitenta anos de proteção do **pat**

Fortaleza de Anhatomirim, tombada pelo Iphan em 1938



FOTOS CARLOS DAMIÃO/ND

O Iphan teve suas bases definidas em 1936 e começou a funcionar em 1937. Agredir o patrimônio preservado é crime desde 1940

O recente episódio envolvendo o licenciamento para construção de um prédio no Porto da Barra, em Salvador (BA), trouxe ao centro do debate o papel do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão de Estado responsável pela preservação da memória brasileira. A reação do ministro da Cultura, Marcelo Calero, que se demitiu por causa do sórdido jogo de bastidores para liberação de um empreendimento em área de preservação histórica, revelou o quanto a questão é delicada, perigosa e frágil. Jogadas políticas, com evidentes interesses econômicos, podem significar o grave comprometimento de aspectos patrimoniais históricos e culturais. Aliás, a causa do surgimento do Iphan foi justamente essa: colocar um freio na ganância e na estupidez.



Aspecto do interior da Fortaleza de Anhatomirim, zelada pela UFSC

Primeiros sinais há 100 anos

O primeiro sinal de que seria necessária a criação de um órgão específico para zelar pelo patrimônio nacional surgiu em 1916, quando o escritor Alceu Amoroso Lima e o advogado Rodrigo Melo Franco de Andrade descobriram o barroco no interior de Minas Gerais. Amoroso, um dos intelectuais mais importantes do século 20, deu a deixa para a criação do Iphan ao publicar um artigo intitulado "Pelo passado nacional".

Em 1936, o escritor Mário de Andrade elaborou o anteprojeto para

a criação de um serviço de patrimônio no Brasil, fato que se concretizou no ano seguinte, com a fundação do Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), primeira instituição governamental de âmbito nacional voltada para a proteção do patrimônio cultural do país (Lei 378/1937).

Data de 1940 o decreto-lei 2848, que qualifica "como crime o dano causado a qualquer bem tombado, de valor artístico, arqueológico ou histórico, com prevenção de pena (Código Penal)".



Acompanhe
a coluna no
NDOnline

Detalhe da
Coleção
Arqueológica
João Alfredo Rohr,
também tombada



rimônio

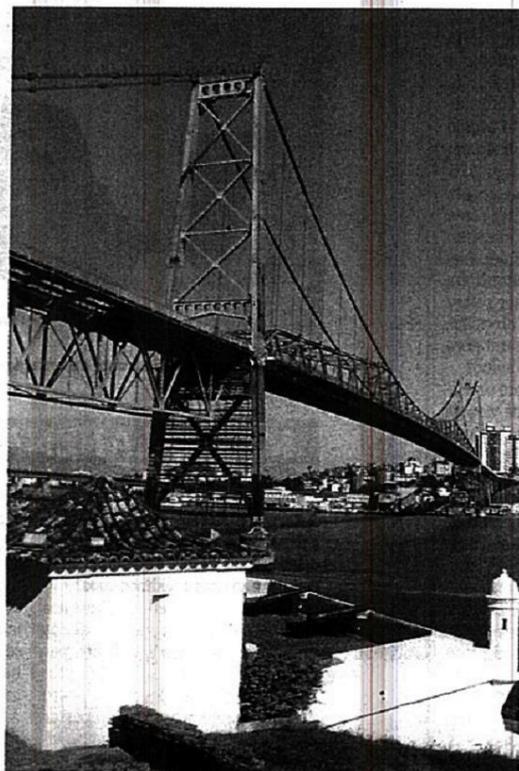
Tombamentos em SC desde 1938

Em 1938, o Sphan tombou 234 bens em 10 Estados. Em Santa Catarina, por exemplo, as fortalezas de Santa Cruz (Anhatomirim), São José da Ponta Grossa (Jurerê) e Santo Antônio de Ratonos foram incluídas naquele tombamento. Os três conjuntos estavam em ruínas, e o ato do Sphan (hoje Iphan) teve o objetivo de preservar o que ainda era possível de ser recuperado. Fato que só viria a ocorrer nas décadas de 1970 e 1980, com intervenções do próprio órgão federal, da UFSC e do Ministério da Marinha. O Iphan, que tem representação em Santa Catarina desde 1938, também tombou a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, no extremo Sul da ilha, e o Forte de Santana do Estreito, no Centro de Florianópolis.

Outros bens da capital catarinense tombados pelo Iphan são: Pintura "Vista da Baía Sul", de Victor Meirelles (retirada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e exposta no Museu Casa de Vitor Meirelles), Casa de Vitor Meirelles (atual Museu Casa de Vitor Meirelles), Casa do Ribeirão, Casa da Alfândega, Coleção arqueológica João Alfredo Rohr, Alfândega (atual Delegacia da Receita Federal), Ponte Hercílio Luz e o sítio arqueológico e paisagístico da Ilha do Campeche. Recentemente, o Iphan comunicou ao governo catarinense o tombamento das freguesias de origem luso-açoriana de Santo Antônio de Lisboa, Lagoa da Conceição e Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, e da Enseada de Brito, em Palhoça.

Preservação com caráter pedagógico

Por causa da importância das fortalezas, assumidas pela UFSC no final da década de 1970, a universidade tem uma Coordenadoria de Fortalezas da Ilha de Santa Catarina, com a supervisão geral do arquiteto Roberto Tonera. Ele faz um importante trabalho de orientação, inclusive com palestras e visitas guiadas, além de organizar exposições periódicas, como a que está em Biguaçu, no Museu Etnográfico Casa dos Açores (São Miguel), até março de 2017. Ele explica que a mostra é "composta por fotografias e maquetes das fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim, Santo Antônio de Ratonos e São José da Ponta Grossa, réplicas de canhão e trojes militares e civis do século 18, além de sete painéis com textos, mapas e imagens sobre o tema".



Patrimônio
nacional: Forte
de Santana e
Ponte Hercílio
Luz, em registro
de 2009

Preocupação dos técnicos catarinenses

No âmbito estadual, a questão do patrimônio é afeta à Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, vinculada à Fundação Catarinense de Cultura. Técnicos dessa área estão encaminhando ao governador Raimundo Colombo um manifesto em que expressam a preocupação com a mudança na administração da Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Cultura e pedem que os órgãos de gestão sejam coordenados por profissionais habilitados.

Diz um trecho do manifesto, depois de destacar a importância das gerências de Patrimônio Cultural e de Pesquisa e Tombamento: "Entretanto, apesar dos esforços dos técnicos concursados que atuam diretamente nestas áreas para garantir um atendimento de excelência à sociedade, muitas de suas atribuições encontram-se prejudicadas, devido à indicação política

sistemática de presidentes, diretores e gerentes que não possuem o perfil de gestores, e demonstram total incapacidade para lidar com as questões pertinentes".

E enfatiza o documento: "É urgente que a cultura seja compreendida como base de desenvolvimento social e econômico, possibilitando o funcionamento institucional pleno em prol da preservação da história, da memória, dos imóveis de valor cultural, dos acervos museológicos, dos saberes, dos movimentos folclóricos tradicionais, das artes. É urgente a indicação de lideranças verdadeiramente comprometidas e atuantes que planejem, acreditem e incentivem ações positivas e concretas".

Procurada, a assessoria de Colombo informou que o governador, por enquanto, não vai se manifestar sobre o pleito dos técnicos da FCC e que ele ainda não recebeu o manifesto.

Notícias do Dia Plural "Passeio pela história"

Passeio pela história / Côza Nossa / Tour Mané Côza Nossa / Novembrada / Ditadura militar / Florianópolis / História do Brasil / Escadaria da Catedral / Palácio Cruz e Sousa / Ponto Chic / Diego Rzatki / Cervejaria Cozalinda / João Batista Figueiredo / Presidente / Protesto / Estudantes / UFSC / Praça 15 de Novembro / Rodrigo Stüpp / Revolta em Florianópolis: A Novembrada de 1979 / Luis Felipe Miguel / Novembrada: Um relato da Revolta Popular / Eduardo Paredes

Passeio pela história

3ª edição do Côza Nossa – Tour Mané vai abordar a Novembrada

Um dos primeiros grandes atos públicos contra a ditadura militar que governou o país por 21 anos aconteceu em Florianópolis. A terceira edição do Côza Nossa vai recontar este episódio que entrou para a história do Brasil. O ponto de encontro é a escadaria da Catedral, com saída às 13h30. Serão cerca de 45 minutos de narrativa e caminhada, com passagens pelo Palácio Cruz e Sousa e pelo Ponto Chic (Senadinho). O encerramento será em frente à loja Pulp Store, também no Centro.

"Os roteiros são uma maneira de valorizar a nossa história e a nossa cultura. É feito por pessoas daqui e tem foco em quem mora aqui, sendo manezinho ou não. É uma oportunidade para todos aprendermos mais sobre o lugar onde vivemos", acredita Diego Rzatki, sócio da Cervejaria Cozalinda, uma das promotoras da caminhada.

"A MINHA MÃE NÃO ESTÁ EM PAUTA"

Em 30 de novembro de 1979, o presidente João Batista Figueiredo reagiu às vaias e aos xingamentos, livrou-se da própria segurança e partiu para cima de manifestantes. A gasolina havia subido naquela semana, a inflação estava fora de controle e donas de casa batiam panelas.

Contrariado pelas vaias, que vinham de um protesto organizado por estudantes da UFSC, o presidente fez um sinal com as mãos que mudou o cenário. O protesto fugiu do forte esquema de segurança policial e houve muito empurra-empurra entre as cerca de 4.000 pessoas que estavam na Praça 15.

Toda essa história, desde a chegada do presidente à cidade até a despedida, horas depois, em uma churrascada para 3.000



Um dos primeiros grandes atos contra a ditadura militar no país ocorreu em Florianópolis

pessoas, será recontada por Rodrigo Stüpp, jornalista, guia de turismo e estudioso dos assuntos de Florianópolis. Para o roteiro, Rodrigo reuniu fotos e áudios originais da entrevista do presidente no meio da confusão, com sua frase que entrou pra história: "A minha mãe não está em pauta". O material compõe a caminhada cultural, que deverá durar 45 minutos e tem três paradas previstas.

CARTAZES COM FRASES DE PROTESTO DA ÉPOCA

O passeio não é apenas informativo. O formato prevê a participação dos visitantes com espaço para falas, gritos "simulados" de protesto e cartazes com os mesmos dizeres da época, como "Arroz, feijão, saúde e educação".

O tour usa como base os livros "Revolta em Florianópolis: A Novembrada de 1979", de Luis Felipe Miguel, e "Novembrada: Um relato da Revolta Popular", de Moacir Pereira. O curta-metragem "Novembrada", de Eduardo Paredes, também é referência. Houve ainda coleta de material na Casa da Memória e breves entrevistas com pessoas que estavam na praça naquele dia protestando, trabalhando para o governo ou fazendo cobertura jornalística.

A inscrição deve ser feita com antecedência. O evento é gratuito, mas segue um modelo bastante comum especialmente na Europa: pague se e o quanto quiser (PS2Q). É o visitante quem decide quanto vale o passeio ao final do roteiro.

SERVIÇO

O QUÊ: Tour - Mané Côza Nossa - Novembrada (Caminhada pelo Centro de Florianópolis com 45min de duração).

ONDE: Início na escadaria da Catedral. Encerramento em frente à loja Pulp Store (Centro).

QUANDO: 26/11, 13h30 (chegar 15 minutos antes).

QUANTO: Grátis, mas no sistema PS2Q (Pague se e o quanto quiser).

INFORMAÇÕES:
Fanpage: www.facebook.com/guajamezinhos
Evento no Facebook: <http://bit.ly/novembrada-evento>
Inscrições: (gratuitas): <http://bit.ly/Novembrada-inscreve>

Notícias do Dia Marcelo Barcelos "Jornalismo e mobilidade"

Jornalismo e mobilidade / Conect@dos / 3º Congresso Internacional de Jornalismo e Dispositivos Móveis / JDM 16 / Universidade de Beira Interior / UBI / Covilhã / Congresso Internacional de Ciberjornalismo / #5CObciber / Universidade do Porto / Novas tecnologias / Redes sociais / Ramón Salaverría / Universidade de Navarra / Internet das Coisas / IoT / Eduardo Pellanda / PUC / Rio Grande do Sul / Comunicação móvel / Rita Paulino / Professora / Curso de Jornalismo / UFSC / Cocreation Lab / Economia Criativa / Inovação / Universidade Federal de Santa Catarina / Empreendedorismo / Florianópolis / Sapiens Parque / Sebrae-SC / CDL Florianópolis / SENAI / Udesc / IFSC



Foto: Divulgação

Encontros em Portugal discutiram papel das novas tecnologias, redes sociais e modelos de negócios

JORNALISMO E MOBILIDADE

O Conect@dos está em Portugal, nesta semana, para a cobertura de dois eventos acadêmicos internacionais sobre inovação, novas práticas para mobilidade e jornalismo digital: o 3º Congresso Internacional de Jornalismo e Dispositivos Móveis (JDM 16), em Covilhã, na Universidade de Beira Interior (UBI), e o Congresso Internacional de Ciberjornalismo (#5CObciber), na Universidade do Porto. Nos dois encontros, pesquisadores europeus e brasileiros discutiram o papel das novas tecnologias, redes sociais e modelos de negócio em ascensão.

No JDM, o destaque ficou com o professor e

pesquisador Ramón Salaverría, da Universidade de Navarra, que aposta, agora, na Internet das Coisas (IoT) e no uso de computação vestível como forma de inovar na distribuição de notícias. Para fechar o congresso, o professor Eduardo Pellanda, da PUC do Rio Grande do Sul, analisou a evolução da comunicação móvel como uma característica irreversível da sociedade contemporânea, na qual a casa, o carro e a cidade terão informações sobre nossos hábitos de consumo. O encontro ainda teve a participação especial da professora Rita Paulino, do curso de Jornalismo da UFSC. Além de apresentar pesquisa, ela ministrou oficina sobre conteúdo interativo para tablets.

Edital para inovação

Estão abertas as inscrições para o Cocreation Lab, uma pré-incubadora gratuita voltada à Economia Criativa. Localizada no Museu da Escola Catarinense, este habitat de inovação busca ideias de projetos inovadores que serão modelados ao longo de seis meses. Para participar, cada grupo precisa inscrever-se no edital lançado esta semana. Além do espaço de trabalho compartilhado, os dez grupos selecionados também terão acesso às oficinas e palestras de apoio ao crescimento dos futuros negócios, pacote da Amazon Web Service e outros softwares. O projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina reúne as principais entidades de fomento ao empreendedorismo de Florianópolis, como o Sapiens Parque, Sebrae Santa Catarina, CDL Florianópolis, SENAI, UFSC, UDESC e IFSC. Inscrições em <http://centrosapiens.com.br/coworking/>.

Diário Catarinense
Notícias
"Escassez de berbigão afeta comércio"

Escassez de berbigão afeta comércio / Mar / Florianópolis / Molusco / UFSC / Bar / Associação Atlética dos Servidores da UFSC / Silvinho Bonifácio / Mercado Público / Mortandade / Aimê Rachel Magalhães / Departamento de Aquicultura / Instituto Chico Mendes / ICMBio / Reserva extrativista / Secretaria Municipal de Pesca, Maricultura e Aquicultura / William Costa Nunes

NOTÍCIAS | MARICULTURA

Escassez de berbigão afeta comércio

CRESCIMENTO DA MORTANDADE da espécie no mar de Florianópolis se reflete no aumento de preço do molusco na região

TOMÁS M. PETERSEN
tomas.petersen@diariocatarinense.com.br

O pastel de berbigão do bar dos Volantes da UFSC, em Florianópolis, está em falta. A tradicional iguaria preparada pelo gerente Silvinho Bonifácio consta no cardápio, mas não está no estoque. Motivo: falta de molusco no mercado.

– Esses dias eu comprei um berbigão do Rio Grande do Sul, mas a qualidade não é boa, tive que colocar fora – diz Silvinho.

Em 2010, por exemplo, o pastelzinho custava R\$ 2, mas o preço acompanhou o aumento repassado pelos fornecedores. Neste ano, Silvinho chegou a incrementar o produto, fazendo um pastel maior, para poder vender a R\$ 6,50. Agora, pagando R\$ 40 pelo quilo de um molusco de qualidade inferior, o lucro encolheu e ameaça o petisco.

O aumento também é observado nos balcoes do Mercado Público da Capital. No varejo, o quilo da carne sem concha é vendido também a R\$ 40. É a lei do mer-

cado: a oferta dos fornecedores não acompanha a demanda dos comerciantes. Antes, entre 50 a 100 quilos por semana chegavam à região. Agora, a mesma quantidade demora até 15 dias. Outras peixarias conseguem comprar ainda menos, quando dão preferência aos produtores locais: no Box 13 de Manoel Guimarães, compra-se lotes de dois quilos por vez; no 24, o fornecedor vem lá da Praia do Sonho, em Palhoça.

– Há dois anos, vendíamos por R\$ 18 ou R\$ 20. Hoje, somos obrigados a dobrar esse preço porque pagamos mais caro – conta Flávio Júnior, da Peixaria Golfinho, que trabalha há 12 anos no Mercado Público.

ANALISTAS ESTUDAM CAUSA DA REDUÇÃO

O motivo da escassez do molusco em Florianópolis ainda é desconhecido. Sabe-se o período em que começou: fevereiro de 2015, quando os analistas ambientais e produtores da Reserva Extrativista do Pirajubá, no sul da Ilha de

SC, perceberam uma mortalidade de 80% em apenas 20 dias. Desde então, a população da espécie não se recuperou. Fenômeno que também foi relatado em locais de extração informais, na Tapera ou no Maciambu (Palhoça).

– Ainda não conseguimos identificar as causas. Chegamos a encontrar um protozoário, que está sendo analisado, mas é cedo para afirmar se foi uma enfermidade, um fenômeno externo ou a soma de vários fatores – explica a professora Aimê Rachel Magalhães, do Departamento de Aquicultura da UFSC.

Aimê coordena uma investigação em conjunto com Instituto Chico Mendes (ICMBio), gestor da reserva extrativista, e Secretaria Municipal de Pesca, Maricultura e Aquicultura para descobrir as causas da mortalidade e garantir a recuperação da população de berbigão na Capital. Uma das propostas é tentar consolidar um sistema de cultivo concomitante ao de extração, para que as espécies nativas consigam se reproduzir a tempo.

– Enfrentamos dificuldades, já que as espécies cultivadas, que não se reproduzem, também são muito sensíveis às variações de temperatura entre o inverno e o verão – explicou o secretário da Pesca, William Costa Nunes.

A escassez do molusco também ameaça a tradicional festa do Berbigão do Boca. O famoso evento de Carnaval que ocorre no Centro de Florianópolis sofrerá com a alta do preço, já que a organização distribui 100 litros de caldo de berbigão de graça para a população. O prato leva 40 quilos do produto, fora o concurso gastronômico, em que cada chefe é responsável pelos seus próprios ingredientes.

– No ano passado, muitos cozinheiros já importaram berbigão de outros Estados. Já a gente sentiu que o preço subiu bastante, mas conseguimos comprar daqui de Florianópolis. Para se ter uma ideia, em 2004 o quilo custava R\$ 5. Agora vamos ver como vai ficar – disse o diretor financeiro da festa, Leonardo Garofallis, o Nado.

“
Ainda não conseguimos identificar as causas. Chegamos a encontrar um protozoário, que está sendo analisado, mas é cedo para afirmar se foi uma enfermidade, um fenômeno externo ou a soma de vários fatores.

AIMÊ RACHEL MAGALHÃES
Professora do Departamento de Aquicultura da UFSC



SEGUIE NA PÁGINA 20

Famílias abandonam extrativismo na região

Quem mais sofre com a falta do molusco não é o consumidor que aprecia um pastel recheado ou um caldinho de berbigão, mas o catador. Muitas das famílias que trabalham na reserva do Pirajubá acabam recorrendo à pesca de outras espécies como o peixe parati e o camarão, nativos do local, ou até mesmo a trabalhos informais, como faxina. Para auxiliar o grupo, a administração municipal chegou a enviar à Câmara proposta de orçamento para 2017 com auxílios aos maricultores para casos como escassez, perda de materiais e reconstruções de ranchos.

— Eles são duplamente marginalizados. Dependem da atividade, mas não podem recorrer a um trabalho formal, com carteira assinada, sob o risco de perder a licença — explica a analista ambiental do ICMBio, Laci Santin.

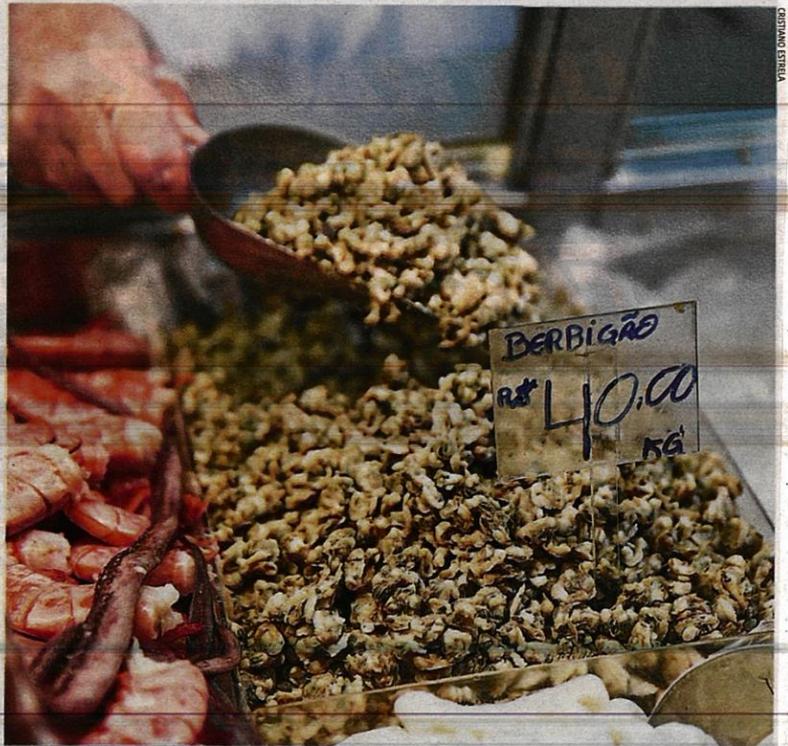
A especialista diz que não há números precisos sobre a queda na produção. A Univali monitorava o volume da biomassa de berbigões, mas antes da mortandade de 2015 o convênio havia terminado. Agora os pesquisado-

“

res retomarão a análise de forma voluntária a partir de dezembro. Mas alguns números conseguem passar uma noção do cenário: antes de 2015, a produção normal envolvia 23 extrativistas cadastrados que catavam de 200 a 300 quilos de berbigão diariamente. Hoje, são 15 cadastrados, mas no máximo quatro trabalham para extrair a mesma quantidade por semana. O que era considerada uma mortandade normal de 20%, inverteu-se para 80%.

— O esforço de pesca é muito grande para um retorno muito baixo. É lamentável, pois não é apenas uma atividade econômica, mas cultural — diz Santin.

LACI SANTIN
Analista ambiental do ICMBio



Comerciantes do Mercado Público afirmam que tiveram que dobrar o valor do berbigão nos últimos dois anos

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.